

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE
CAMPUS DE IRATI
SETOR DE SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

VIVIANE APARECIDA SCHOAB

**O PERFIL DOS USUÁRIOS DE UM PARQUE DE AVENTURA: UM ESTUDO DE
CASO RPPN NINHO DO CORVO.**

**IRATI
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE
CAMPUS DE IRATI
SETOR DE SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

VIVIANE APARECIDA SCHOAB

**O PERFIL DOS USUÁRIOS DE UM PARQUE DE AVENTURA: UM ESTUDO DE
CASO RPPN NINHO DO CORVO.**

Monografia apresentada como requisito para
avaliação da disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II do Curso de Turismo,
UNICENTRO.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ronaldo Ferreira
Maganhotto

**IRATI
2018**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Minha Mãe, que mesmo até hoje não entendendo a minha escolha pelo Turismo, esteve ao meu lado, incentivando e me dando suporte. Sendo assim estendo o agradecimento especial aos Meus Irmãos Régis e Fabiane que sempre me incentivaram a continuar e estiveram ao meu lado sempre que precisei durante toda a minha vida.

Agradeço ao meu namorado Gilmar, que foi meu equilíbrio e meu porto seguro nesse ultimo ano, ajudando na vida, mas principalmente nas muitas horas de estudo em frente ao computador, entendendo a importância dessa conquista pra mim.

Também agradeço muitíssimo a Vanessa Alberton secretária do Departamento de Turismo- DETUR, pelas muitas ajudas durante todo o curso, pelas horas de conversa e desabafos, com certeza Você foi essencial para a finalização desse trabalho. Estendo esse agradecimento aos meus colegas de sala, que me agüentaram, me ajudaram... Tanto os guerreiros que chegaram até o final, assim como, os que por seus motivos, foram ficando pelo caminho, deixando saudades.

Agradeço aos Professores do DETUR pelo incentivo de sempre, particularmente à Professora Vanessa, por todos os ensinamentos e paciência na minha primeira iniciação científica, no primeiro ano de faculdade; à Professora Eliete pelo incentivo de sempre, aos Professores Leandro e Diogo pelas muitas dúvidas sanadas e ajuda fora dos horários de aula, e à Professora Paula pelos projetos de extensão e pelo carinho de sempre.

Agradeço principalmente ao meu Professor e Orientador Ronaldo Maganhotto pela parceria de sempre, no estágio desde o primeiro ano, por todos os ensinamentos durante todo esse tempo e por toda a ajuda e orientação para a realização do TCC.

E, finalmente, agradeço aos Professores Diogo e Suzuki, que estiveram na minha banca enriquecendo o meu trabalho com seus ensinamentos.

“No que diz respeito ao empenho, ao compromisso,
ao esforço e à dedicação, não existe meio termo.
Ou você faz uma coisa bem feita, ou não faz.”

Ayrton Senna

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1. TURISMO DE NATUREZA.....	10
2.1.1. Ecoturismo.....	14
2.1.2. Turismo de Aventura.....	19
2.1.3. Perfil do Ecoturista e Turista de Aventura.....	25
2.2. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.....	38
2.2.1. Reserva Particular Do Patrimônio Natural- RPP.....	30
3 METODOLOGIA.....	33
4. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E OBJETO DE ESTUDO.....	35
4.1. RPPN Ninho do Corvo.....	36
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES	
Apêndice A.....	54
Apêndice B.....	55

RESUMO: A pesquisa aborda as Atividades de Aventura em Unidades de Conservação, caracterizando-se como um estudo de caso realizado na RPPN Ninho do Corvo, em Prudentópolis, PR. O presente trabalho tem como objetivo investigar se as atividades de aventura ofertadas no empreendimento são comercializadas sob a ótica da *performance* ou da experiência. Utilizou-se como técnicas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa a campo, assim como a observação participativa, para reconhecimento da área e aplicação de questionários. Desse modo, foi possível conhecer melhor tanto o empreendimento, onde são ofertados uma pousada com refeitório, um circuito de atividades de aventura e ainda treinamentos vivenciais para empresas, onde cada produto pode ser vendido separadamente, quanto os turistas que desfrutam do local, trazendo informações satisfatórias quanto à satisfação do cliente e a segurança sentida pelo aventureiro.

Palavras chave: Turismo de Aventura, Ecoturismo, Areas Naturais, RPPN.

ABSTRACT: The research approaches adventure activities in protected areas, characterizing as a case study realized in the RPPN¹Ninho do Corvo, Prudentopolis, Parana state. This research has the objective of investigating if the adventure activities offered in tourist development are marketed from the standpoint of performance or experience. As research techniques were used bibliographical sources and field research, moreover the participatory observation to acknowledgment of the area and application of a survey. Where it was possible to learn more about the development, where are offered a hostel with refectory, a circuit of adventure activities and team building activities for business companies, where each product can be sold individually, as well the tourists that enjoy the place; satisfactory information was brought about the customer's satisfaction and the security that was felt by the adventurer.

Keywords: Adventure Tourism, Ecotourism, Natural Areas, RPPN.

¹RPPN em português significa Reserva Particular do Patrimônio Natural

Em inglês fica: Private Reserve of Natural Heritage.

1. INTRODUÇÃO

O crescimento populacional mundial, aliado à expansão dos centros urbanos e a outros fatores, reflete-se na demanda turística por áreas naturais. Esse aumento se dá devido à tentativa de fuga da rotina dos grandes centros em busca de ar puro, descanso e lazer. Neste contexto, a procura por destinos ecoturísticos vem crescendo, consideravelmente, nas últimas décadas.

Paralelamente, aumenta a criação de empreendimentos privados voltados a este segmento. Além disso, evidencia-se nos últimos 30 anos a criação de Unidades de Conservação (UC's), mais precisamente a partir dos anos 1980, com o intuito de fomentar a atividade turística, o lazer e a educação ambiental (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). Dentre estas enquadram-se as seguintes categorias: os Parques, os Monumentos Naturais e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural, as quais contemplam a atividade de visitação pública como uma de suas prioridades.

A atividade turística está presente em inúmeras Unidades de Conservação. O Parque Nacional do Iguaçu, PR, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, GO, e o Parque Nacional de Itatiaia, RJ/MG são alguns exemplos brasileiros. Nestas unidades, além do ecoturismo, é possível a realização de atividades de aventura, como *trekking*, *rafting*, *rappel* e tirolesa. Logo, atividades com esta conotação também podem ser ofertadas nas demais categorias destinadas ao uso turístico.

Tendo em vista a intensificação das viagens à natureza em território nacional nos anos 80, bem como das atividades de aventura realizadas no meio natural, registrou-se nos anos 90, no Brasil, a confecção dos primeiros equipamentos de segurança para tais práticas, as quais passaram ter mais ênfase, consolidando-se como um segmento turístico (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Contudo, entende-se que ainda há necessidade de profissionalizar o segmento de aventura, demonstrando segurança na realização das atividades. Para isto, os riscos devem ser assumidos e avaliados, fundamentando a elaboração de medidas e procedimentos de segurança (SOIFER, 2005).

Além disso, se faz necessário transformar o imaginário de parcela da população, a qual considera que as atividades de turismo de aventura são destinadas a pessoas bem condicionadas fisicamente, com conhecimentos técnicos e extremamente aventureiros.

Para Soifer (2005) este cenário aos poucos está mudando, e as práticas de esporte de aventuras atreladas ao turismo devem ser ofertadas e comercializadas sob uma nova ótica, onde se deve valorizar a experiência e não a *performance*.

A demanda pelas atividades de aventura deve centrar-se na busca por sensações e emoções, em detrimento da *performance* e treinamento. Ou seja, as novas experiências viabilizam novas possibilidades em meios naturais, sendo assim incorporadas pelo mercado turístico, especialmente em sua versão ecológica ou de aventura (MARINHO e BRUNS, 2003).

Esse cenário nos sugeriu o problema de pesquisa do presente trabalho, o qual busca responder a seguinte questão: As atividades de aventura ofertadas na RPPN Ninho do Corvo estão atreladas à experiência?

A RPPN Ninho do Corvo situa-se no município de Prudentópolis, Região Centro Sul do Estado do Paraná. Foi adquirida pelo atual proprietário no ano de 2002, onde gradativamente implementou a atividade turística. Em 2007 tornou a propriedade uma Unidade de Conservação, na categoria de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Atualmente a área está estruturada para o turismo, pois, além das atividades de aventura, oferta hospedagem, alimentação e treinamentos corporativos (RPPN, 2018).

Desta forma, a presente pesquisa teve por objetivo investigar se as atividades de aventura oferecidas no empreendimento RPPN Ninho do Corvo são comercializadas sob a ótica da experiência. Para o cumprimento deste, buscou-se a realização dos objetivos específicos, os quais são:

- Caracterizar o empreendimento e as atividades desenvolvidos na RPPN Ninho do Corvo
- Identificar o perfil e a opinião dos clientes quanto às atividades de aventura realizadas na RPPN Ninho do Corvo.

Os cumprimentos dos objetivos descritos anteriormente forneceram subsídios para o entendimento do segmento Turismo de Aventura, pois os levantamentos destas informações apresentaram a forma com que a RPPN Ninho do Corvo se utiliza das práticas de aventura, assim como a forma como é comercializada e a ênfase, experiência, atribuída às práticas esportivas de aventura.

Entende-se que o desenvolvimento deste trabalho contribuirá para o entendimento da prática de aventura em Unidades de Conservação acopladas ao

turismo, contribuindo para o esclarecimento de que as atividades de aventura, comercializadas nas UC's, podem ser vinculadas à experiência e à interação com o ambiente, oportunizadas pela atividade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa considera necessário que, para que os objetivos sejam alcançados, assuntos específicos devem ser tratados e o Turismo por si só possui uma gama de motivações e ramificações. Por se tratar de atividades de aventura em uma RPPN, vamos inicialmente discorrer sobre o turismo de Natureza, bem como suas variáveis, especificando o Ecoturismo e Turismo de Aventura. Em seguida, para descrever melhor os amantes desses segmentos, vamos assentar um perfil para o Ecoturista e o Turista de Aventura. Finalmente, como o objeto de estudo é uma área preservada, vamos entender melhor sobre as Unidades de Conservação, e mais especificamente sobre as RPPN.

Neste contexto, é evidente que a atividade turística se fragmenta em diferentes segmentos, dependendo das demandas individuais/coletivas, bem como dos atrativos e demais bens e serviços ofertados em uma destinação turística. Cabe aqui ressaltar que não é pretensão deste trabalho enumerar os diversos segmentos turísticos, mas sim apresentar alguns segmentos correlacionados ao tema pesquisado. Dentre esses pode se apontar Ecoturismo e Turismo de Aventura, ambos enquadrados no Turismo de Natureza.

2.1 TURISMO DE NATUREZA

O Turismo de Natureza tem sido conceituado por vários autores em diferentes contextos. Mostrando que esse nicho vem crescendo, Kinker (2002, p. 8) afirma que “O turismo de natureza é aquele que faz uso de recursos naturais relativamente bem preservados, como, por exemplo, paisagens, águas (mar, rios, cachoeiras, corredeiras), vegetação e vida silvestre.”

Tendo em vista a abrangência do turismo ao longo dos anos, é visto que especialmente nas décadas de 1950 e 1960 houve maior representatividade acerca da expansão das viagens (PIRES, 2002). Isso implica também na melhoria dos bens e serviços, até então precários, assim como as conquistas trabalhistas que se iniciaram na época. Pires (2002, p. 34) afirma que “tais segmentos passam a ter as condições para o consumo de bens e serviços, antes privilégios de elites”.

Nesse contexto, as pessoas passam também a ter benefícios, como tempo livre, férias e dinheiro para viajar. O fato é que tais ações implicaram no desencadeamento do turismo em escala mundial, atingindo ainda em meados de “1950 níveis de pré-massificação” (PIRES, 2002, p. 34).

O aumento populacional das cidades, aliado à correria do dia a dia e à procura por descanso e lazer em áreas naturais vem crescendo significativamente. Segundo Gouveia, Gosling, Coelho e Pereira (2014, p. 2) o turista “cada vez mais tem buscado sair de sua rotina e ter contato com locais, fora do seu local de moradia”. Com isso, a complexidade da atividade e as peculiaridades regionais evidenciam uma série de denominações para atividades turísticas no meio natural.

O estágio de maior escala desse processo deu-se a partir do início dos anos de 1970, como uma opção de reação ao “turismo de massa” evidenciando assim os vários problemas por ele provocados, tanto no meio ambiente quanto no meio social e econômico (PIRES, 2002; RODRIGUES, 2003).

Acerca disso, ainda ao longo dos anos de 1970, surgiram as primeiras discussões contrapondo o Turismo de Massa e os impactos atrelados a sua dinâmica. Estes, de ordem ambiental, socioeconômicos e culturais, começaram a ser discutidos em eventos, buscando soluções para as indesejadas alterações socioambientais (RODRIGUES, 2003; PIRES, 2002). De acordo com Pires (2002, p. 37), seguem alguns eventos de destaque:

Quadro1: Eventos acerca das questões ambientais

1976	Seminário sobre os impactos Sociais e culturais do Turismo em Washington EUA, promovido pelo Banco Mundial e pela UNESCO;
1981	É estabelecida em Bangcoc, Tailândia a Comissão Ecumênica em Turismo do Terceiro Mundo (ECTWT), que propõe apoio aos modelos de turismo, alternativos do Terceiro Mundo, e;
1984	Seminário sobre Turismo Alternativo num País da Ásia, promovido pela rede Européia de Turismo (TEN) formada em Stuttgart (Alemanha) em colaboração com a ECTWT.

Autor: Pires (2002)
Adaptado pela autora.

As ações citadas acima, entre outras, trouxeram a necessidade de um turismo alternativo, onde Pires (2002, p.41) cita que o “principal objetivo era proporcionar aos turistas a realização de uma genuína viagem de descoberta com ‘maior significado’”, Ou seja, viagens onde os turistas teriam mais envolvimento tanto com a

natureza quanto com a população local.

Surgiram então novos segmentos, para Lima *in* Rodrigues (2003, p. 71)

Neste período (a partir da década de 70) a qualidade do ambiente começa a constituir elemento de destaque do produto turístico, e a natureza e seus componentes tornam-se pretexto para a descoberta, a educação e o espírito de aventura dando origem a um novo mercado.

Isso mostra que, nos anos seguintes, o propósito era de integração e inserção 'alternativa' do turismo. Os ambientalistas tomaram como base o nome "turismo alternativo", o que passou a ser uma ideologia, para lutar contra o "turismo de massa". Essas iniciativas obtiveram mais força nos anos de 1980, com apoio de "autoridades planejadoras, agências e operadoras de turismo, instituições oficiais e entidades civis com atuações voltadas para a área" (PIRES, 2002, p.43).

Dessa forma, o turismo de natureza vem de encontro à proposta do turismo alternativo, pois se contrapõe o turismo de massa, uma vez que cada qual sugere uma atividade em pequena escala, assim como de conservação da natureza e valorização da comunidade envolvida.

Tulik (2003, p. 29) apontou em suas publicações diversas denominações vinculadas a uma atividade turística que tivesse como prioridade contrapor as características do turismo de massa, e dentre estas deu-se destaque às apresentadas a seguir:

- Turismo alternativo;
- Turismo no Espaço Rural (TER) / Turismo na Área Rural (TAR);
- Turismo em Áreas Rurais e Naturais;
- Turismo de Natureza;
- Turismo de Cultura;
- Agroturismo e
- Turismo Rural.

Nesse contexto, cresce também o incentivo às diversas atividades que podem ser praticadas no meio natural, mostrando que é possível ter diferentes experiências usufruindo dessas áreas, ou seja, cada Turista busca uma experiência diferente, de acordo com os seus interesses.

Frente à demanda e ao crescimento turístico em áreas naturais, MARINHO e BRUNS (2003 p. 131, 132) publicaram a seguinte constatação:

Com mais flexibilidade da oferta e grande segmentação da demanda, o turismo está sendo distribuído a partir de nichos com interesses específicos. As pessoas estão encontrando no turismo rural satisfação de diversos interesses, relacionados ao desporto, à cultura local, à aventura e, especialmente, ao ecológico.

Sendo assim, é visto que cada nicho possui suas abrangências e peculiaridades, a experiência parte particularmente de cada turista. A procura pode ser por conhecimento cultural, pela aventura em si, pela beleza cênica ou pela adrenalina. São particularidades recorrentes as motivações dos turistas.

A Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura - ABETA (2010) identificou três níveis de envolvimento do turista com a natureza, são eles:

Quadro 2: Níveis de envolvimento Turista/Natureza.

Contato	Quando a natureza é vista como algo admirável, intocável, uma espécie de santuário, a natureza apenas para olhar;
Interação	Quando o indivíduo vê a natureza como dinâmica, cheia de boas surpresas. Ele está disposto a viver esses momentos e não apenas contemplar;
Combinação	Quando a natureza, as atividades, as observações, os turistas e as comunidades formam um todo dinâmico, em equilíbrio.

Fonte: ABETA (2010)

Adaptado pela autora.

Apesar destas diferenças todos prezam pela conservação ambiental e valorização cultural. Atrelados a estes valores, destacam-se o Ecoturismo e o Turismo de Aventura como segmentos que oportunizam os três níveis apontados pela ABETA.

2.1.1 Ecoturismo

O ecoturismo é um termo bastante utilizado nos dias de hoje, e está relacionado diretamente à natureza ou ao turismo ao ar livre, vem de encontro ao desejo de algumas pessoas de fugir das cidades no seu tempo disponível, para contemplar as áreas naturais e sua beleza cênica (SOIFER, 2005; FERRETI, 2002).

Para Soifer (2005, p.15) “Quem faz turismo quer se distrair, relaxar. Quem faz ecoturismo quer relaxar na natureza, de preferência a intocada”. Ou seja, formas diferentes de praticar a atividade turística, e nesse caso, quanto mais natural o ambiente, mais chama a atenção dos adeptos desse segmento.

Ao final do século XX, o aumento da massificação dos roteiros turísticos modificou a visão acerca da preservação ambiental dos locais visitados. Ferreti (2002, p.116) afirma que “o termo ecoturismo vem sendo utilizado há muito mais tempo que se imagina. Ele ressurgiu há pouco tempo, acompanhando a onda das preocupações ambientais acerca da procura por visitas ou viagens às áreas naturais”. Ou seja, a visibilidade por cuidados como o meio ambiente não é de agora.

O final da década de 1970, a de 1980 e principalmente a de 1990 correspondem a um período especial, que propiciaram discussões voltadas para alternativas ambientais (DALE in MENDONÇA e NEIMAN, 2005) (RODRIGUES, 2003; DIAS, 2003).

Sendo assim, o ecoturismo teve início em outros países nos anos 60 com o movimento *hippie*. Posteriormente, nos anos 70 iniciaram se as excursões organizadas para ambientes naturais. No Brasil esta atividade teve início em meados dos anos 80, com o aumento das viagens do tipo excursionismo amador, mochileiros e aventureiros buscando por ambientes desconhecidos, como exploração de cavernas e trilhas (PIRES, 2002)

A partir da ECO 92, tiveram início uma série de eventos acerca do tema ecoturismo, como: a 1ª Bienal de Ecoturismo de Canela em 1995, World Ecotur 97 no Rio de Janeiro em 1997, assim como uma série anual de congressos nacionais promovidos pelo IEB (Instituto de Ecoturismo Brasileiro) que era quem estava à frente das iniciativas ambientais naquele momento (PIRES, 2002).

O termo ecoturismo “caracteriza um grau de responsabilidade, tanto nos

elementos naturais do ambiente como a estrutura social da área envolvida” Ferreti (2002, p. 117). Sendo assim, é visto que ecoturismo vai muito além de vivenciar a natureza, inclui também a preservação do espaço utilizado.

Além da responsabilidade do turista, ha também o cuidado e conscientização por parte de quem se disponibiliza a trabalhar nesse meio. Para Dale *in* Mendonça e Neiman (2005, p. 8) “(...) o ecoturismo carrega um potencial de tolerância e convivência.” Visto isso, Machado (2005, p.17) afirma que:

O ecoturismo é resultado de um processo evolutivo do homem em relação á atividade turística. Mais do que nunca o homem busca no espaço natural uma maneira de esquecer o cotidiano, transportando sonhos e imagens que retratam suas expectativas por paisagens imaginadas como a perfeição de uma tela, capazes de devolver lhe o sentimento do inusitado, do rústico e do natural, sentimentos perdidos com os avanços e progressos das metrópoles

Com isso, é visto que o ecoturista está buscando vivenciar a natureza propriamente dita, fugindo do dia a dia do meio urbano, ou seja, ao se deparar com a natureza e com outros modos de vida nas comunidades locais, onde o ecoturismo está inserido, permite que as pessoas possam ver a vida de outra forma, fazendo muitas vezes com que seu comportamento em relação ao meio natural mude.

Dale *in* Mendonça e Neiman (2005 p. 7) afirma que, “estuda-se a alteração de comportamento, tanto do turista quanto daqueles que “fazem” o ecoturismo.”. Isso se deve a todo o contexto do ecoturismo, onde o turista se atém à preservação e à conservação do meio natural.

Machado (2005, p. 24) afirma que “o compromisso do ecoturismo é organizar um turismo capaz de promover o desenvolvimento dentro dos critérios ambientais que garantam a manutenção de sua biodiversidade”. Essa manutenção garantirá que as gerações futuras possam também desfrutar desses ambientes, mas para que isso ocorra é essencial que praticantes de ecoturismo, a comunidade local e empreendedores desse meio estejam em sintonia.

Este segmento turístico pode atrair vários benefícios ao meio inserido, normalmente fazem-se presentes em Unidades de Conservação e conseqüentemente nas comunidades de entorno (MEIRELES *in* MENDONÇA e NEIMAN 2005).

Além do baixo impacto ao ambiente natural, há também o valor agregado à atividade ecoturística, gerando empregos e valorizando a cultura local. Os benefícios

vão além, com o manejo dessas unidades, o monitoramento das áreas protegidas e o aumento nas atividades educativas e científicas (MEIRELES *in* MENDONÇA e NEIMAN 2005).

Tendo com base a abertura das áreas protegidas para visitação, há também um incentivo ao interesse por parte desses visitantes na conservação da Biodiversidade, atraindo a atenção para espécies ameaçadas, contribuindo para o fomento da sua conservação, e ainda a combinação vantajosa com o Turismo de Aventura, inserindo o turista na comunidade local, facilitando a troca cultural e as oportunidades de negócio por meio da prestação de serviços.

Para Dale *in* Mendonça e Neiman (2005 p. 8) “uma das grandes riquezas do ecoturismo consiste na gente que o promove, que o executa e que o planeja.” Esses são determinantes para o ecoturismo estar inserido dentro dos seus conceitos. É preciso que todos estejam sintonizados nesse propósito, e que o espaço também seja apropriado para tal atividade. Candido (2003, p.148) entende que:

Para que o ecoturismo possa se desenvolver, é necessário que se realize em locais onde haja um controle adequado da quantidade de visitantes, obedecendo, assim á capacidade de carga que o ambiente em questão possa suportar. Para que isso ocorra, o ecoturismo deve ser desenvolvido em locais específicos, ou seja, nas Unidades de Conservação.

Isso implica que nem toda viagem a um espaço natural é necessariamente ecoturismo, ou seja, o ecoturismo só faz jus ao nome quando é praticado em locais específicos, e de acordo com os conceitos propostos. Para Dias (2003, p. 119) normalmente “é praticado por pessoas que sinceramente estejam interessadas na natureza, dispostas a causar o menor distúrbio possível e que respeitem os costumes locais”, ou seja, pessoas mais conscientes em sua percepção acerca das necessidades de integração com o meio natural.

Para que isso ocorra, é necessário que aconteça uma aliança entre empreendedores do meio turístico, visitantes e comunidade local. Todos têm que estar integrados e possuir o mesmo objetivo, a implantação do ecoturismo. Para Dale *in* Mendonça e Neiman (2005 P. 3)

O ecoturismo representa hoje, então, bem mais que uma opção técnica em como se explorar turisticamente os recursos naturais. Em alguns casos, presentes pelo mundo todo, o ecoturismo passou a ser um estilo de vida, e não apenas uma forma de “ganhar a vida”.

Sendo assim, o usuário constante passa a levar a experiência do ecoturismo

para o seu dia a dia. Para que haja essa visão do turista, Meireles *in* Mendonça e Neiman (2005 p. 46) afirmam que, “o grande diferencial do ecoturismo é o guia local, aquele que conhece os locais (...)”.

É visto que, para um atrativo estar inserido no ecoturismo, são necessárias pessoas especializadas, de conhecimento relevante sobre a cultura local e principalmente sobre o espaço onde está inserido, e acima de tudo incorporada ao conceito ecoturístico. Para isso o autor ressalta que “os atrativos que realmente são ecoturísticos vão mais além: envolvem o visitante no dia-a-dia da comunidade local, esteja ela dentro de uma Unidade de Conservação ou no seu entorno.” Meireles *in* Mendonça e Neiman (2005 p. 45). Visto isso, serão esses moradores, os guias mais qualificados para o destino em questão.

Segundo a ABETA (2010, p. 89) “a qualidade dos prestadores de serviços é muito importante para a prática de atividades na natureza e gera satisfação”, ou seja, é essencial que as atividades relacionadas à natureza sejam direcionadas por um bom profissional, é visto ainda que “o primeiro passo a ser seguido pelo empresário é contratar técnicos especializados em questões relativas ao ecoturismo – biólogos, turismólogos, especialistas em trilhas, energia, arquitetura, etc.” (MEIRELES *in* MENDONÇA e NEIMAN, 2005 p. 56).

Essas iniciativas devem partir do empreendedor disposto e desfrutar desse segmento, sendo assim o autor afirma ainda que “os empresários, além disso, devem ser éticos, acima da própria legalidade, assumindo a responsabilidade ambiental baseando-se em sua própria consciência” Meireles *in* Mendonça e Neiman (2005, p. 56), pois, o ecoturismo está diretamente atribuído a preservação e conservação da natureza. Segundo Dias (2005, p. 103)

Dentre todas as variantes de turismo voltado a natureza, é o ecoturismo hoje o que tem maior crescimento relativo, tornando-se por si só, de desenvolvimento de regiões, localidades e países, que se apresentam natureza preservada.

É visto que esse viés do turismo cresce parcialmente em locais preservados trazendo desenvolvimento para esses locais, Neiman *in* Mendonça e Neiman (2005 p. 21 e 22), mostra que “Nas chamadas Unidades de Proteção Integral dos Recursos Naturais, a prática de ecoturismo não é permitida, mas em algumas unidades, o ecoturismo pode ser praticado mediante algumas condições.” O autor destaca e pontua os tipos de UC's onde a prática do ecoturismo pode ser inserida

Parques Nacionais e dos Monumentos Naturais (essa prática é necessita de regulamentação em ambos, por meio de plano de manejo). Nas Estações Ecológicas e Refúgios da Vida Silvestre há restrições, como limitações de visitação em determinadas épocas do ano, sendo permitidas apenas se houver fins educacionais ou de pesquisa. Nas Unidades de Uso Sustentável, a visitação pública para fins de lazer, recreação e educação ambiental é livre, assim como nas Florestas Nacionais, Reservas Extrativistas, Reservas de Fauna, Reservas de Desenvolvimento Sustentável e Reservas Particulares de Patrimônio Natural, todas no âmbito federal, além de diversas outras categorias nos âmbitos estaduais e municipais. (NEIMAN in MENDONÇA E NEIMAN, 2005 p. 22)

Acerca disso é visto que o ecoturismo é um turismo planejado, em áreas naturais, onde devem estar sintonizados: o turista, o guia assim como a comunidade local, todos seguindo um mesmo propósito, preservação e conservação do meio ambiente. Outro segmento correlato ao ecoturismo e que tem como elo os recursos naturais é o turismo de aventura descrito a seguir.

2.1.2 Turismo de Aventura

O turismo de aventura é um segmento que abrange várias faixas etárias, o Ministério do Turismo (2010, p. 23) afirma que “apontar um único perfil para o Turismo de Aventura é uma tarefa complexa, pois as diversificadas e diferenciadas práticas de aventura atraem públicos distintos.” Ou seja, pode ser realizado: por jovens, pessoas de meia idade, pessoas de terceira idade e até crianças

Para o Ministério do Turismo (2008, p. 15) o Turismo de Aventura “compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não-competitivo.” Afirma ainda que “O Turismo de Aventura não surge apenas de um único fato, mas nasce de diferentes formas, em lugares diversos que não se comunicavam entre si”. (Ministério do Turismo, 2010, p. 13)

As primeiras reflexões acerca do turismo de aventura surgiram em meados dos anos de 1980, já no final dos anos de 1990 surgiram os primeiros equipamentos acerca da segurança desse segmento, seguidos de encontros voltados para o melhor entendimento desse meio assim como a segurança (ABETA, 2010).

Segundo o Ministério do Turismo (2010, p.13) em “1999, foi organizada a primeira feira do setor de Turismo de Aventura, a *Adventure Sports Fair*, que proporcionou a promoção e conhecimento sobre as atividades do segmento”. De acordo com a ABETA (2010) embora o turismo de aventura tenha crescido consideravelmente de lá pra cá os estudos acerca deste foram poucos.

Conforme Meireles *in* Mendonça e Neiman (2005) nos países desenvolvidos, o ecoturismo atraía de 3 a 5% da população e chegaram a representar, em média, de 10 a 15% do mercado de turismo como um todo. No Brasil o ecoturismo participava do produto turístico brasileiro com menos de 1% e envolvendo uma cifra inferior a 1% da população.

O primeiro documento produzido no Brasil acerca do assunto Turismo de Aventura foi o “Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil”, ABETA (2010, p.13), desde então os adeptos dessa prática vem se expandindo, assim como os empreendimentos voltados para o segmento do Turismo de aventura.

Vê se que, o adepto às práticas de aventura, o faz por prazer e não por finalidade de competição. A ABNT (2006) conceitua turismo de aventura como

atividades oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de Esporte de Aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos.

Sendo assim, conclui-se que, o usuário casual que o pratica, o faz em locais apropriados, comercializados e com equipamentos corretos. A ABETA (2010, p. 13) afirma ainda que “turista de aventura deve ser um comprador de atividades comercialmente oferecidas”, sendo por assim com total segurança.

Nessa perspectiva o turismo de aventura vem como uma das propostas do turismo em áreas naturais, visto que também pode ser também praticado em áreas urbanas.

Para Marinho e Bruns (2003, p.62) “essas práticas irão receber diversas denominações em seu desenvolvimento (esporte de aventura, esportes radicais, atividades de aventura na natureza etc.), e têm sido incorporadas pelo mercado turístico, especialmente em sua versão “ecológica” ou “de aventura””, ou seja, uma abordagem para amantes da natureza que gostam de arriscar mais, buscar mais emoções, superar os seus limites, viver experiências e principalmente a interação com a natureza.

Segundo os autores Lavoura, Schwartz e Machado (2008, p.120) é percebido que isso “permite que tais “aventureiros” experimente uma gama de significados, por meio desta troca simbiótica entre corpo e meio, remetendo os sujeitos a novas sensações, sentidos, sentimentos e emoções”. De acordo com o Ministério do turismo (2004 p.39).

O conceito de Turismo de Aventura fundamenta-se em aspectos que se referem à atividade turística e ao território em relação à motivação do turista, e pressupõem o respeito nas relações institucionais, de mercado, entre os praticantes e com o ambiente.

Essas práticas podem ser desfrutadas em diferentes ambientes, para gostos e habilidades diversificadas, e proporcionar reações múltiplas aos amantes desse tipo de esporte “os turistas podem possuir mesmo nível de renda ou mesmo destino de origem, mas alguns buscarão luxo, outros as novas experiências de vida e outros de aventura” (BRASIL, 2004, p. 4-5), ou seja, cada um busca uma experiência diferente, de acordo com os seus interesses.

Para Oliveira (2008, p. 190) “o turista vai, em busca do inusitado, de novas

experiências e de novos lugares”. Novamente mostrando que as pessoas estão em busca do desconhecido, de novas sensações querem conhecer novos lugares, sobre uma nova ótica. Gouveia, Gosling, Coelho e Pereira (2014, p. 5) afirmam que “o turista de aventura busca desafios quaisquer que sejam, independentemente de estarem relacionados à prática de atividades e ao envolvimento com a natureza”. Para Oliveira (2008, p.192)

(...) o termo aventura é evocativo para muitas pessoas - imagens e associações inundam a mente à simples menção da palavra. Duas sensações, indubitavelmente, fazem parte da experiência de aventura: a imaginação e a emoção.

Ou seja, sentimento de adrenalina, o fato de não saber exatamente o que o espera, pode causar sensações adversas, pode ser o medo do desconhecido ou até gama pela superação dos desafios.

As Práticas de Aventura podem ser divididas em modalidades; de água, da terra e do ar, cada usuário usufrui da qual modalidade se enquadra melhor. Essas modalidades serão apresentadas em quadros para a melhor compreensão.

Quadro 3: Descrição das atividades desenvolvidas na Água

ÁGUA	
Atividade	Descrição da Atividade
Rafting:	Descidas com botes infláveis em rios com corredeiras de diversos níveis de dificuldade, denominados rios de águas brancas
Canoagem:	Atividade física que utiliza embarcações individuais ou não, com uso de remos
Mergulho subaquático:	Técnica de descer pequenas e médias profundidades, utilizando materiais adequados, como <i>scuba</i> , colete equilibrador inflável, cilindro e regulador-respirador, máscara e nadadeira.
Bóia-cross:	Passeio em rios de corredeiras, em bóias infláveis, com diversos níveis de dificuldade e apenas uma pessoa na bóia.
Hidro-speed:	Descida de rios rápidos, ou de águas agitadas, com o uso de uma pequena prancha
Windsurf:	Surfe realizado com prancha à vela que teve seu início no Brasil na década de 80.
Esqui aquático:	Prática de esqui, tracionado por lancha, puxando uma pessoa por vez.
Banana boat:	Equipamento especial, tracionado por lancha, utilizado para passeios e manobras radicais
Duck:	Descida de corredeiras utilizando bote inflável com capacidade para uma ou duas pessoas

Fonte: MACHADO (2005)
Organização: Autora

É visto que, atividades desenvolvidas na água, podem requerer força, outra apenas habilidade e outras podem exigir as duas coisas, porém, todas necessitam de equipamentos adequados para cada atividade. Já quem não tem ambiência com a água, pode desfrutar das modalidades em terra, que podem ser:

Quadro 4: Descrição das atividades desenvolvidas em Terra:

TERRA	
Atividade	Descrição da Atividade
Caminhadas:	Caminhadas em ambientes naturais, com diversos graus de dificuldade, buscando a superação dos limites pessoais
Cicloturismo:	Trilhas de ciclismo desenvolvidas em ambiente natural, com certo grau de dificuldade, diferenciando-se, assim, das trilhas leves e contemplativas do ecoturismo.
Cavalgada:	Em cânions, montanhas, florestas leitos de rios e campos, oferecendo possibilidade de superação de limites através dos diversos níveis de dificuldade e variada extensão do percurso.
Arvorismo:	Trilhas suspensas interligando as copas das árvores com diversos níveis de dificuldade e variadas atividades a serem vencidas pelos usuários, como falsa baiana, tirolesa, rapel, travessia em corda.
Fora de estrada:	Trilhas realizadas com veículos especiais traçionados, aliando o conhecimento da natureza à aventura.
Carro a vela:	Veículos especiais para passeios com uso de energia do vento (eólica) como impulsor.
Surf de areia:	Descida em dunas com pranchas especiais, também conhecido como <i>sandboard</i> .
Cascade:	Montanhismo em que ocorre a descida de cascata ou cachoeira utilizando a mesma técnica e equipamentos do rapel
Rappel:	Montanhismo em paredes rochosas, de forma controlada, por cordas ou cabo.
Pêndulos:	Prática de montanhismo com suspensão por cabos.
Escalada	Montanhismo com subida em paredões rochosos.
Tirolesa:	Montanhismo em que ocorre a travessia suspensa em cabos fixados nos dois extremos.
Canionismo:	Percurso traçado por um curso de água no interior de um cânion com uso de diversas técnicas de montanhismo, como saltos, tirolesa, <i>float-ing</i> (natação em cachoeiras), <i>water trek</i> (caminhada ou marcha pelo leito do rio) e tobogã.
Orientação:	Originária da Suécia, a prática permite o percurso dos mais variados tipos de terrenos – como campos, matas, rios e trilhas – com o no menor tempo possível

Fonte: MACHADO (2005)
Organização: Autora

As modalidades em terra são as mais adaptáveis aos diferentes públicos, tendo de atividades leves, até as mais difíceis, cada uma com suas exigências. Algumas necessitam de equipamentos e lugares específicos, como as atividades fixas, por exemplo: a tirolesa e arvorismo, as demais variam de acordo com a necessidade, a Ministério do Turismo (2010, p. 53 54)

exige, além dos procedimentos corretos, o uso de equipamentos em conformidade com as normas nacionais e internacionais, com especificações técnicas e informações sobre origem, fabricação e validade.

Logo as práticas desenvolvidas no ar, requerem mais habilidades e cuidados, são voltadas ao público adepto à maior adrenalina.

Quadro 5: Descrição das atividades desenvolvidas no Ar:

AR	
Atividade	Descrição da atividades
Paraglider (parapente):	Vôo decolando de montanhas ou reboques utilizando um velame, uma cadeirinha, para-quedas, principal e de emergência.
Asa delta:	Vôo livre com uso de equipamento específico, com salto de rampas do topo de montanhas
Para-quedismo:	Saltos de aeronaves, com equipamentos especiais, em queda livre.
Balonismo:	Passeios em balões movidos ar quente
Planador:	Vôo utilizando aeronave específica, de madeira, alumínio ou materiais compostos, sem motor.
Trike:	Vôo em equipamento de asa-delta com motor, com capacidade para duas pessoas e uma visão de praticamente 360 graus.
Paramotor:	Vôo decolando de montanhas ou reboque, utilizando motor para o deslocamento.

Fonte: MACHADO (2005)
Organização: Autora

As modalidades no ar exigem mais habilidades, treinamentos e equipamentos adequados. Toda e qualquer prática de aventura deve ser feitas com responsabilidade, além disso, toda atividade de aventura que se utilize de equipamentos de segurança deve passar por vistoria e ter certificação do Inmetro. O Ministério do Turismo afirma por meio de um documento denominado marcos conceituais que:

Isso requer que o Turismo de Aventura seja tratado de modo particular, especialmente quanto aos aspectos relacionados à segurança. Devem ser trabalhadas, portanto, diretrizes, estratégias, normas, regulamentos, processos de certificação e outros instrumentos e marcos específicos. BRASIL (2015, p. 41)

Isso mostra um cuidado especial acerca da segurança nesse Nicho, bem como, equipamentos adequados e ainda respeitando o meio utilizado, o Ministério do turismo, BRASIL (2015, p. 39) afirma que:

Diante disso e considerando as especificidades do Turismo de Aventura, principalmente quanto ao quesito segurança, verificou-se á necessidade de

delimitar a sua abrangência em relação a outros tipos de turismo, tanto para embasar a formulação e execução de políticas públicas como também orientar os interessados quanto às características e questões legais que podem implicar nas relações de mercado.

Ou seja, as atividades de aventuras, são práticas que podem ser direcionadas para cada público específico, de acordo com suas habilidades e preferência de modalidade, devem ser realizadas com responsabilidade e podem proporcionar experiências e sentimentos únicos. Sendo assim Costa (2002-a; p. 57) afirma que

Surge a necessidade de total integração com o ambiente, experimentando o local visitado e vivenciando emoções derivadas do contato direto com seus elementos naturais. Esse contato, direto e ativo, invariavelmente ocorre por meio da prática de atividades esportivas.

Como visto anteriormente o turismo de aventura é visto principalmente como uma experiência que ativa os sentimentos mais diversos, como a adrenalina, a expectativa, o medo, a superação entre outros, a ABETA (2010, p.38) afirma que “O Turismo de Aventura está associado a sair da rotina e brincar e ainda a experiência.”.

Por se tratar de atividades de experiência, alguns empreendimentos estão inserindo essas atividades a cursos de capacitação e treinamentos vivenciais, buscando associar esse sentimento ao dia a dia do expectador. Sendo assim as Unidades de Conservação vem com uma proposta de inserção de atividade de aventura para todos os públicos.

Para a melhor compreensão acerca dos adeptos do Turismo de aventura e Ecoturismo o próximo item trata especificamente desse turista, na perspectiva de traçar um perfil dos mesmos.

2.1.3 Perfil do Ecoturista e Turista de Aventura

Para entendermos melhor os amantes desses segmentos, Turismo de Aventura e Ecoturismo, se faz necessário esboçar o perfil desse Turista assim como suas motivações para as viagens. Gouveia, Gosling, Coelho e Pereira (2014, p. 6) afirmam que, conhecer e analisar os fatores das viagens é “importante para possibilitar a criação de opções de compra que sejam capazes de suprir os desejos e necessidades dos turistas.”

O contato com a natureza, já aconteciam anteriormente, em outros países nos anos 60 e 70, aqui no Brasil ganharam evidência a partir dos anos 1980, com os movimentos *rippies*, as excursões com destinos as áreas naturais. Acerca disso houve uma movimentação quanto às questões ambientais surgindo então, os ecoturistas e conseqüentemente o turista de aventura (FERRETI, 2002; DIAS, 2003). Para Soifer (2005, p. 25) “O turista voltado para a natureza tem, em geral diferentes focos, o que influencia suas expectativas e seu comportamento.”

A ABETA (2010, p.13) define que o “turista de aventura deve ser um comprador de atividades comercialmente oferecidas”, quanto ao ecoturista afirma que seus objetivos variam entre “a observação de fauna, de flora e de formações geológicas; a contemplação realizada durante caminhadas, mergulhos, safáris fotográficos e trilhas interpretativas.” --(2010, p.13), mas, os dois se complementam em meio a natureza.

Os turistas de ecoturismo e turismo de aventura diferem-se por questões de organização, e não pela demanda, segundo a ABETA (2010), eles podem ou não se sobrepor, o ecoturismo visa o espaço onde a atividade está inserida, eo turista de aventura visa à atividade proposta. Para Gouveia, Gosling, Coelho e Pereira (2014, p. 5) “a experiência do turista também interfere na maneira como ele entende a atividade”. Ou seja, essa definição se deve a partir da visão do próprio turista acerca das suas necessidades e vivências.

A ABETA (2010, p. 31) alega que o ecoturista assim como o turista de aventura, quer “(...) fugir do dia a dia, seja ele urbano ou não, da correria, do trabalho, do estresse e da violência, em busca de descanso”. Soifer (2005, p. 25) assenta que “o turista voltado para a natureza tem, em geral, diferentes focos, o que influencia suas expectativas e seu comportamento.”

No início dos anos 2000 Marinho e Bruns (2003) afirmavam que desde então, quem praticava o ecoturismo ou o turismo e de aventura era conhecido como: “moderno”, “amante da natureza” e “politicamente correto”, “aventureiro” e “destemido” todos esses adjetivos tomados como positividade no mundo moderno.” (MARINHO E BRUNS 2003, p. 78)

Segundo a ABETA (2010, p.31) “os indivíduos buscam se conhecer nas viagens, que são também um resgate do que a pessoa é”, ou seja, é algo pessoal, cada qual vai em busca de interesses diferentes. Para Gouveia, Gosling, Coelho e Pereira (2014, p. 7) “Ao optar por um pacote turístico, o consumidor gera uma expectativa e investe na compra de produtos e serviços que são essencialmente intangíveis”. Sendo assim, ainda hoje ha fatores que podem motivar um turista comprar um destino, Swarbrooke (2002 p. 83) considera que esses fatores podem estar divididos em:

Quadro 6: Motivações e determinantes das viagens:

Motivadores	Motivam o turista a desejar adquirir determinado produto.
Determinantes	Determinam até que ponto o turista é capaz de adquirir o produto desejado

Fonte: Swarbrooke (2002)
Adaptado pela autora

Já Soifer (2005, p. 5) assenta que tanto o ecoturista quanto o turista de aventura “deseja fazer algo diferente do cotidiano, enriquecer seus conhecimentos, sua vivência, divertir-se, sentir prazer.”

Quanto ao consumo encontramos dois tipos de turistas os consumistas e os regrados. Para a ABETA (2010, p. 34) “o consumo não está relacionado ao perfil do dia a dia, mas sim ao valor que a viagem tem na vida dele” os consumistas são aqueles que vão gastar com atividades e diversão não dando enfase para o cotidiano, já o regrado é aquele que busca comprar o melhor equipamento para a sua segurança ABETA (2010).

Sendo assim Meireles *in* Mendonça e Neiman (2005) afirma que outros diferenciais importantes do ecoturismo são a possibilidade oferecer produtos de baixo custo, onde esses vão de encontro as necessidades de prática de atividades física e são capazes de atender aos mais diferentes gostos de um grupo.

É visto que os ecoturistas são “pessoas que sinceramente estejam interessadas na natureza, dispostas a causar o menor distúrbio possível e que respeitam os costumes locais” (DIAS, 2003,P.119). Quanto ao turista de aventura a

ABETA (2010) alega que as pessoas ainda não têm uma opinião formada sobre o conceito, ligando o segmento ao medo.

Com isto, as Unidades de Conservação vêm de encontro com a proposta prevista aos ecoturistas e turistas de aventura, podendo assim estar inserindo o turismo em algumas UC's, para isso o próximo item trata exclusivamente desse tema, bem como suas variáveis.

2.2 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E TURISMO

As unidades de conservação surgiram com o propósito de assegurar a preservação e conservação das áreas naturais. O primeiro Parque Nacional que surgiu, no mundo, foi o “Yellowstone National Park” aprovado em 1º de março de 1872 (COSTA, 2002).

Segundo a autora “o parque nacional Yosemite também merece destaque quanto ao processo de surgimento das UC’s”, Costa, (2002, p. 15). Instituído em 1890, onde, 20 anos antes em 1864 o presidente Abraham Lincoln que havia iniciado movimentos de luta a favor da natureza em meio à expansão industrial, onde já era considerada “reserva”, a partir dessas iniciativas, outros países passaram também a se preocupar com a conservação das suas áreas naturais, copiando assim por dizer esses modelos Yosemite e Yellowstone (COSTA, 2002).

No Brasil o histórico das Unidades de Conservação iniciou-se no fim do século XIX, a primeira Unidade de Conservação instituída foi o Parque Nacional de Itatiaia em 1937, embasado no Código Florestal de 1934, mas antes disso no período Brasil colônia já haviam áreas naturais preservadas (COSTA, 2002), segundo a autora

Os hortos e os jardins botânicos, criados a partir da migração e instalação da família real portuguesa no País, foram áreas criadas com objetivos similares aos de algumas categorias que compõem o sistema brasileiro de UC's (Costa 2002, p.18)

A lei que consolida as normativas das Unidades de Conservação no Brasil foi instituída em 18 de junho de 2000 pela Lei nº 9.985 é o SNUC- Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, é ele que estabelece os critérios de criação, implantação e gestão das UC's (KINKER, 2002) (DIAS, 2003). Hoje no Brasil existem “324 Unidades de Conservação, com abrangência de 9% do território nacional. Dessas, 72 são Parques Nacionais, em 26 milhões de hectares” BRASIL (2017 s/p).

Estão agrupadas nos Grupos de Unidades de Uso Sustentável e Unidades de Proteção Integral. As unidades de Proteção Integrada são 5: Estação Biológica; Reserva Biológica; Parque nacional; Monumento Natural e; Refúgio da vida Silvestre; Enquanto as de Uso Sustentável são 7: Área de Proteção Ambiental; Área de Relevante Interesse Ecológico; Floresta Nacional; Reserva Extrativista; Reserva

de Fauna; Reserva de Desenvolvimento Sustentável e; Reserva Particular do Patrimônio Natural. (SNUC, 2002).

De acordo com o IAP (2017) no ano de 2012 no Estado do Paraná havia 68 unidades de conservação estaduais, que somam 1.205.632,0862 hectares de áreas conservadas, das quais 45 eram unidades de conservação de Proteção Integral e 23 unidades de conservação de Uso Sustentável. Os números atualizados do IAP (2017, s/p) mostram que “O Estado do Paraná conta atualmente com 46 Unidades de Conservação Estaduais de Proteção Integrada”.

Essas Unidades são administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio),

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é uma autarquia em regime especial. Criado dia 28 de agosto de 2007, pela Lei 11.516, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama) (ICMBio, 2018 s/p)

Cabe ao ICMBio executar qualquer ação dentro das UC's, cabe a ele ainda “fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para a proteção das Unidades de Conservação Federais.” (ICMBio, 2018 s/p)

Sendo assim, é visto que, há algumas Unidades de conservação que podem receber visitas, de acordo com o IAP (2017, s/p) é previsto que

A visitação no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC deve ser cuidadosamente planejada para que as Unidades de Conservação possam cumprir com seus objetivos básicos de criação. Para tanto, algumas normas de visitação devem ser observadas ao se visitar a área.

Ou seja, a atividade turística dentro de uma Unidade de Conservação deve estar prevista no plano de manejo, assim como as normas de segurança, advindo das possíveis atividades propostas.

No caso do Parque Nacional do Iguaçu além da visitação controlada pelo ICMBio é possível também realizar atividades de aventuras, essas práticas são oferecidas por uma empresa terceirizada, a qual oferece passeios de helicóptero por cima das quedas, trilhas pelo meio da mata e para os amantes de aventura é possível um passeio de barco adentrando o rio até próximo as quedas onde é possível sentir as brisa das águas (PARQUE DO IGUAÇU, 2018 s/p) . A atividade turística também é possível em outros parques como: o Itatiaia que foi o primeiro

parque instituído no Brasil e o parque Chapada dos Veadeiros onde é possível realizar trilhas entre outras atividades.

As RPPN's por sua vez, têm a atividade turística como uma alternativa de renda e deve estar inserida corretamente, dentro do que esta prevista no seu plano de manejo.

Tendo em vista que a presente pesquisa trata se de um estudo de caso em uma RPPN o próximo item trata especificamente desse assunto.

3.2.1 Reserva Particular de Patrimônio Natural – RPPN

É denominada RPPN uma Reserva Particular de Patrimônio Natural, ou seja, uma reserva particular preservada e protegida, de uso sustentável, por adesão do proprietário, trata se de uma área apta ao ecoturismo (MACHADO, 2005) segundo Dias (2003, p.186) "(...) é uma área privada, de caráter perpétuo, com o objetivo de conservar a diversidade biológica. Nessas áreas é permitida a pesquisa científica, e a visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais."

Esta instituída como Unidade de Conservação (UC) pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) foi instituída em 05 de junho de 1996 pelo Decreto nº 1.922/1996, onde a pretensão era criar áreas protegidas por iniciativa de proprietários particulares (SNUC, 2002) (ALBERTON, 2015) (MORAES, 2000). Para Costa (2002, p. 131)

A criação da categoria Reserva Particular do Patrimônio Natural foi um avanço na legislação ambiental brasileira, trazendo uma excelente oportunidade de engrandecimento para a nação, não apenas no que concerne á preservação da natureza, mas, até mesmo no que diz respeito ao desenvolvimento econômico que advém da oportunidade de utilização dessas áreas para o turismo de natureza ou, mais especificamente, do ecoturismo.

A criação de uma RPPN passa a assegurar permanentemente o patrimônio natural dessa área, sendo esse um dos pontos fundamentais da legislação que institui essa categoria (COSTA, 2002). Para Machado (2005, p. 59) uma Reserva Particular de Patrimônio Natural

(...) é uma área privada de domínio, gravada com perpetuidade, instituída pelo poder público sob solicitação do proprietário, cujo objetivo é conservar a diversidade biológica do território, podendo ser utilizada para atividades de cunho científico, cultural, educacional, recreativo e de lazer.

Dessa forma, essa categoria de UC pode ser usufruída de várias formas, como: a utilização na educação como aulas de campo, educação ambiental, pesquisas científicas, observação de pássaros e animais silvestres, trilhas e até atividades de aventura desde que a infraestrutura necessária seja compatível com as atividades previstas, levando em conta a biodiversidade, aspecto paisagístico e as características ambientais (MACHADO, 2005).

A Área pode legalmente ser vendida ou transferida para outro proprietário, porém, o ambiente natural não pode ser alterado, não existe um mínimo de área para que seja transformado em uma RPPN o importante é a representação relativa á biodiversidade (MORAES, 2000). Segundo o IAP (2017, s/p) “A área destinada deve possuir relevante importância para a conservação da biodiversidade e dos atributos naturais” basta á iniciativa do proprietário em desejar esse feito, para isso é levado em consideração tres aspéctos, que podem ser:

- Paisagísticos;
- Área que abrigue espécies da fauna ou flora raras e ameaçadas de extinção;
- Locais que justifiquem a recuperação devido a sua grande importância para aquele ecossistema e/ou região. (IAP, 2017 s/p)

As RPPN's estão inseridas por todo o Brasil segundo o IAP (2017, s/p)

O Estado do Paraná conta hoje com 259 RPPN's cadastradas e averbadas em caráter perpétuo conforme determina o Decreto Federal 5.746 de 05 de abril de 2006 e Decreto Estadual 1.529 de 02 de outubro de 2007, perfazendo um total de 54.046,761 hectares de área conservada, distribuídas por 98 municípios.

Sendo essas distribuídas da seguinte forma:

- 229 Áreas no âmbito Estadual (IAP) somando 46.056,2019 ha, distribuídas em 94 municípios;
- 15 Áreas no âmbito Federal (ICMBIO) somando 7.978,58 ha, distribuídas em 9 municípios.
- 15 Áreas no âmbito Municipal (Prefeitura) somando 11, 9791 ha, distribuídas pela cidade.

Para Costa (2002, p. 131) “entre o ambiente natural e a atividade turística pode ser harmônica e, ao mesmo tempo, lucrativa para ambas as partes, homem e natureza”, sendo assim as RPPN's vem de encontro a essa teoria, o pequeno proprietário protegendo esse espaço, preservando a natureza e se usufruindo

adequadamente ainda ter um retorno financeiro acerca disso.

Por se tratar de Atividades de Aventura em Unidades de conservação, a presente pesquisa procurou entender melhor a respeito das Áreas Naturais e seu uso para o Turismo, bem como suas ramificações, enfatizando o Turismo de Aventura e o Ecoturismo, procurou também entender melhor quanto as Unidades de conservação, seu uso e especificamente as RPPN's, visto que a pesquisa de campo foi realizada em uma RPPN. Para entender quais turistas são adeptos dessas atividades traçou se um perfil do turista de Aventura e do Ecoturista.

Na segunda parte trataremos da pesquisa de campo, realizada na RPPN Ninho do Corvo no município de Prudentópolis. Com o intuito de conhecer melhor estudo de caso em questão, o próximo item descreve a caracterização do objeto de estudo.

3. METODOLOGIA

Para realização dessa pesquisa empregou-se o método qualitativo, configurando-se como um estudo de caso, o qual, de acordo com Yin (2005, p.8) “é uma investigação empírica”, um método abrangente. Para alcançar os objetivos, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e de campo com observação participativa.

A pesquisa bibliográfica “(...) abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.” (LAKATOS e MARCONI, 2010, p.166).

Para Ruiz (2006 p.50), a pesquisa de campo “não permite o isolamento e o controle das variáveis supostamente relevantes, mas permite o estabelecimento de relações constantes entre determinadas condições.”

A pesquisa bibliográfica fundamentou e orientou o direcionamento do trabalho, fornecendo subsídios para a elaboração da fundamentação teórica e para os demais encaminhamentos. Para isto, utilizou-se de obras com temática relacionada aos objetivos da pesquisa e teve como base os seguintes temas, seguidos dos autores: Áreas naturais bem com suas variáveis, Ecoturismo, Turismo de Aventura, Unidades de Conservação, sendo eles Kinker (2002), Machado (2005), Costa (2002), Marinho e Bruns (2003), Lavoura, Schwartz e Machado (2008) entre outros.

A atividade de campo foi realizada em duas etapas; A primeira teve como metas o reconhecimento da área e a realização de uma entrevista com o proprietário e gestor do empreendimento. Esta pautou-se em um roteiro de entrevista (apêndice 1) com 9 perguntas, as quais abordaram os bens e serviços ofertados na propriedade e informações inerentes aos clientes do empreendimento. A referida etapa ocorreu no dia 24 de março de 2018.

Posteriormente, a atividade de campo foi conciliada com alguns dias de atividade na RPPN, onde foram realizados questionários com os clientes do empreendimento. Neste momento, entregou-se 100 questionários (apêndice 2), a fim de levantar algumas características dos turistas, assim como seu entendimento e posicionamento quanto ao produto de aventura ofertado na RPPN. Em março de 2018 foram enviados questionários para 25 pessoas entre 18 e 45 anos que

participaram das atividades, porém, dessas apenas 6 pessoas responderam. Também foram distribuídos 75 questionários (os mesmos, desta vez, impressos) em outro dia de treinamentos vivenciais e aos turistas em um dia decorrente de hospedagem. Estes eram de idade entre 18 e 50 anos, todos os questionários foram distribuídos a turistas que praticaram as atividades de aventura na RPPN Ninho do Corvo, porém, foram preenchidos fora do ambiente da RPPN.

As respostas foram comparadas a observação participativa da pesquisadora onde foi desfrutado de dias de hospedagem e de atividades decorrentes, tendo em vista as atividades realizadas pelos turistas, e ainda as sensações por eles vividas nesses dias. Estas etapas foram realizadas no mês de março, os quais forneceram subsídios para identificar o perfil do cliente da RPPN Ninho do Corvo, assim como o entendimento dos mesmos frente às práticas de aventura ofertadas no empreendimento.

4. CARACTERIZAÇÃO DA RPPN NINHO DO CORVO

A RPPN Ninho do Corvo encontra-se na área rural do Município de Prudentópolis, localizado na região centro sul do Paraná, a 207 Km da capital Curitiba. A cidade está às margens das BR's 277 e 373, sua área total é de 2.461,58 km², e possui uma população de aproximadamente 51.567 habitantes, em sua maioria descendentes de imigrantes ucranianos (IBGE/2015). A Figura 1 localiza o município no estado do Paraná.



Figura 1: Localização de Prudentópolis
Fonte: Google adaptado pela autora

Por estar situado entre o segundo e o terceiro planaltos, possui relevo acidentado, o que permite a existência de várias quedas e cachoeiras, fazendo com que o município seja conhecido como “terra das cachoeiras gigantes”. Esses atrativos naturais aumentam a viabilidade do turismo no município.

Porém, para que o produto turístico aconteça se faz necessária a união dos poderes público e privados. Nesse sentido, o município ainda carece de muita infraestrutura para alcançar uma boa visibilidade na rota do turismo, embora o setor privado já ofereça alguns produtos comercializados e reconhecidos turisticamente, como a RPPN ninho do Corvo, que será tratada a seguir.

4.1 RPPN Ninho do Corvo

A RPPN Ninho do Corvo é a única no município de Prudentópolis, e está situada na Linha Paraná, zona rural. Da área total de 18,50 hectares da propriedade original, 10,55 ha foram transformados em Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, constituindo uma área de preservação permanente.

O acesso se dá por 13 Km de asfalto em pista simples sem acostamento, seguidos de mais 12 Km de estrada de chão devidamente cascalhada, tornando possível a chegada ao estabelecimento em qualquer clima.

A RPPN Ninho do Corvo conta com dois funcionários fixos que cuidam da manutenção de toda a área, duas cozinheiras que trabalham em dias de vivenciais e hospedagem, e também de sete profissionais *free lancer*, dependendo da necessidade, em dias especiais como dias de vivenciais e dias de feriados, onde a procura pelas atividades de aventura é maior. Além disso, trabalham o proprietário e sua filha na organização geral, sua esposa gerenciando a cozinha e seu genro administrando as Atividades de Aventura.

Como atrações, a RPPN conta com mais de 2.000 metros de trilhas autoguiadas, que levam às atividades de aventura e ao Rio Barra Bonita, onde é possível banhar-se e contemplar a beleza da fauna e flora, assim como o *cânion* Barra Bonita. As trilhas, devidamente planejadas com o objetivo de manter o ambiente estável, proporcionam ao visitante a oportunidade tanto de educação ambiental quanto de recreação. Os materiais de apoio usados são os mais sustentáveis possíveis, sendo cordas como apoio nas subidas e madeiras nos degraus. A Figura 3 apresenta alguns trechos das trilhas existentes no local.

As trilhas possuem ambiente agradável devido à cobertura por árvores, mas com certo grau de dificuldade devido à declividade do terreno.



Figura3: Trilhas
Fonte: Arquivo próprio

A figura 4 mostra algumas das cachoeiras presentes na propriedade. Ao todo, a área possui 8 quedas d'água, mas apenas 3 estão abertas à visitação pública, podendo o turista se refrescar nas águas frias das corredeiras. As demais podem ser desfrutadas somente com visitas agendadas e guiadas.

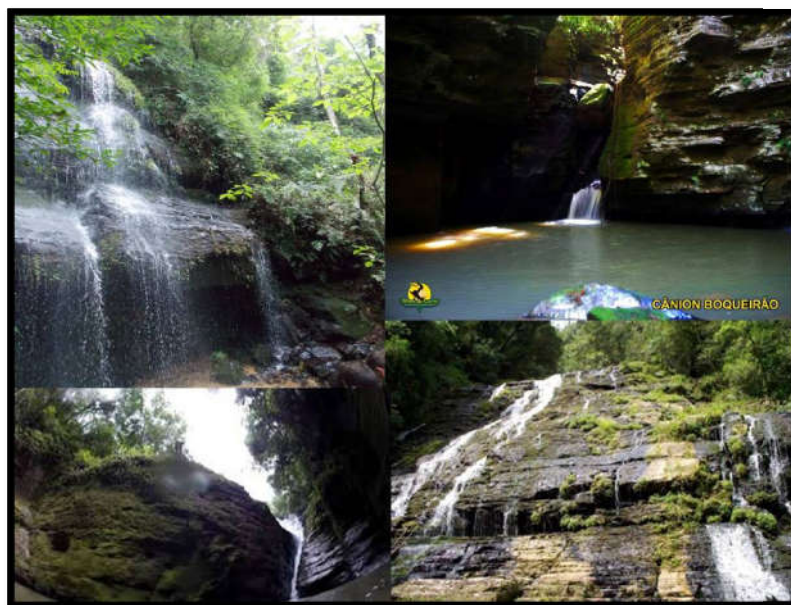


Figura 4: Cachoeira RPPN.
Fonte: Arquivos RPPN Ninho do Corvo

Das cachoeiras que podem ser visitadas, duas delas podem ser observadas de maneira inusitada: uma na descida do rappel e outra, além de ser vista de cima, pode também ser acessada por dentro, em uma atividade única oferecida pelo

empreendimento.

Além dos recursos naturais, o proprietário apostou nas atividades de aventura como forma de diversificar a oferta de serviços em sua propriedade e de oportunizar ao visitante uma interação com a natureza de forma diferente. Assim, é ofertado o Circuito *Cânion* composto por 2 tirolesas (sendo uma chamada de Corvolesa) e o *rappel* (chamado comercialmente de rapeleza).

Uma das tirolesas é considerada de velocidade, com 170 metros de extensão e 30 metros de altura, onde o turista fica perdurado em dois cabos de aço por duas polias garantindo a sua segurança, a descida ainda proporciona uma bela vista do vale na propriedade. Figura 4.

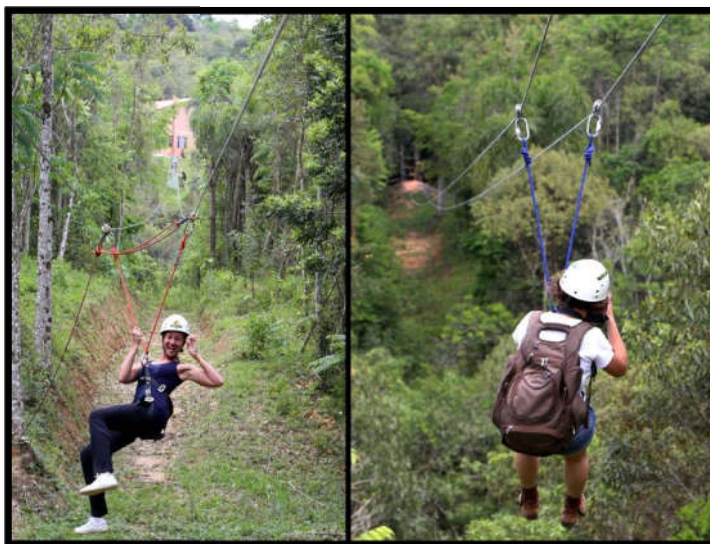


Figura 4: Tirolesa.

Fonte: Arquivos RPPN Ninho do Corvo

O *rappel* (rapeleza), Figura 5, é guiado, possui 70 metros de altura de descida, sendo 20 metros na base e 50 metros suspenso por duas cordas um cabo de aço e duas polias que garantem a segurança da descida. Como particularidade, esta atividade proporciona ao turista uma vista do *cânion* Barra Bonita visto de cima em meio à descida, e além disso o aventureiro ainda tem a vista privilegiada para a cachoeira da divisa da propriedade.



Figura 5: Rappesesa
 Fonte: Arquivos RPPN Ninho do Corvo

O *Rappel* é a atividade mais temida pelos turistas, pois, ao chegar ao ponto de saída, o praticante se vê muitas vezes inseguro com a altura e a possibilidade de ser o comandante da descida. Essa atividade pode ser conduzida pelo próprio turista, onde ele está preso a duas cordas e vai soltando a corda, administrando a velocidade da sua descida.

A Corvolesa, Figura 6, é um produto próprio da RPPN. Trata-se de uma tirolesa guiada passando por dentro do *cânion* Barra Bonita, banhando o turista nas águas frias da cachoeira e terminando nas águas do rio, é suspensa por um cabo de aço, uma corda e uma polia. O aventureiro é recebido por uma pessoa no rio assegurando a integridade do mesmo, nesse local de chegada do turista é possível banhar se e ter uma vista deslumbrante do *cânion* visto de baixo pra cima.

Esse ponto, por se tratar de um vale, seguido de um *cânion*, fica a 100 metros abaixo da casa sede da RPPN, onde se iniciam as atividades, o local possui luz solar apenas em algumas horas do dia, sendo disponibilizada essa atividade apenas das 10 horas da manhã até as 16:00 da tarde, entendendo que em outros horários a área se torna escura e fria devido a profundidade do vale a as árvores do local.

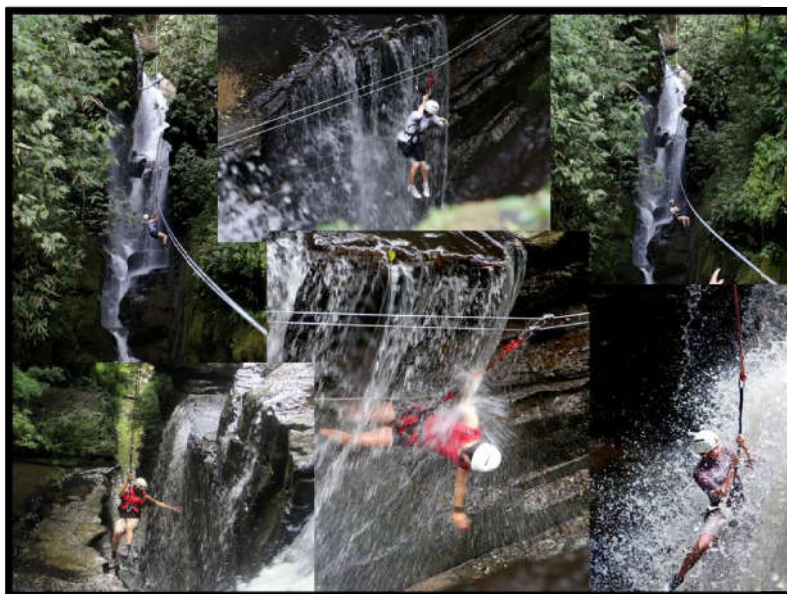


Figura 6: Corvolesa
Fonte: Arquivos RPPN Ninho do Corvo

Além das atividades, a RPPN também conta com uma área de alimentação para aproximadamente 50 pessoas, onde são servidos, em dia de hospedagem, o café da manhã e jantar para os hóspedes, e em dias de treinamentos vivenciais, são realizadas as palestras e servido o almoço.

O empreendimento também oferece hospedagem, possuindo duas cabanas. A Cabana Tiucara com capacidade para até 6 pessoas, tem uma suíte com sacada, sala, mezanino, ar condicionado, frigobar, TV, Sky (NINHO DO CORVO, 2018). Um ambiente aconchegante e acolhedor, onde é possível dormir apenas ouvindo o barulho de cachoeira e os grilos cantando, assim como apreciar a lua e as estrelas em noites de luar.



Figura 7: Cabana Tiucara
Fonte: Arquivos RPPN Ninho do Corvo

A pousada conta também com a Cabana Cachi com capacidade para até 4 pessoas, “num ambiente de muito charme, exclusividade e conforto em meio a natureza” (NINHO DO CORVO, 2018). Possui apenas um ambiente interno mais o banheiro, mas de muito bom gosto e aconchegante, assim como uma sacada para desfrutar da calma do lugar.



Figura 8: Cabana Cachi
Fonte: Arquivos RPPN Ninho do Corvo

Para os eventos corporativos (Figura 9), a RPPN realiza treinamentos vivenciais para cooperativas, onde recebe grupos de até 70 pessoas ao dia.



Figura 9: Treinamentos Vivenciais
Fonte: Arquivo próprio

Os treinamentos consistem em uma palestra na parte da manhã, onde são inseridas as atividades de aventura, assim como outras atividades de entretenimento acordando com o objetivo do dia, que é a inserção ao cooperativismo. As atividades de aventura são ofertadas como superação de desafios. Ao final é feito um encerramento acerca da educação ambiental, entoando com os conceitos cooperativistas assim como do ecoturismo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.

A pesquisa se deu em dois momentos. Primeiramente houve uma entrevista com o proprietário do empreendimento, a fim de saber em que data houve a compra do terreno, quando foi transformada em RPPN e em que ocasião passou a trabalhar como empreendimento turístico.

De acordo com o pesquisado, a área foi adquirida em 2002, quando ainda era uma área de plantio. Possui um total de 18,50 hectares, sendo que destes, 10,55 foram transformados em Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN em 2007, constituindo uma área de preservação permanente, e desde então esta área passou a ter o uso controlado.

Quanto à entrevista, deu-se com 9 questões ao Gestor do empreendimento, a fim de saber quais os produtos são oferecidos no mesmo.

Na entrevista, o Gestor informou que os produtos e serviços ofertados no empreendimento são um circuito de atividades, a hospedagem e também os treinamentos corporativos. Seguindo a resposta anterior, perguntou-se: entre os serviços ofertados quais deles eram de aventura? Segundo ele são ofertados três produtos: a tiroleza, a rapelleza e a corvoleza (nomes comerciais), os quais formam um circuito de atividades de aventura, e ainda as trilhas que, de acordo com o que foi visto no referencial teórico, também se enquadra como uma atividade de aventura.

Foi indagado ao gestor qual o enfoque dado no momento da venda das atividades de aventura? Ele afirma que apela para a experiência do cliente, que vem de encontro com a pergunta inicial da pesquisa, e na segurança, ele assegura que: “mexe com o emocional mesmo”, afirma também que “o lugar é bacana” e que “o cliente vai ver o *cânion* de uma forma diferente”, palavras do proprietário comentando sobre a descida de *rappel*.

Foi questionado ainda se ele considera o turismo de aventura o diferencial do seu empreendimento? A resposta foi que sim, com certeza, afirmou com suas palavras que “se não o tivesse, o ‘negócio’ (empreendimento) não funcionaria”. Visto que o município concentra uma grande quantidade de cachoeiras (mais de cinquenta), a maioria delas com mais de 100 metros de altura, o que justifica o título de “Terra das cachoeiras gigantes”, o turista que vai a Prudentópolis normalmente

esta a procura desses grandes saltos, enquanto em sua propriedade RPPN Ninho do Corvo os saltos que podem ser visitados são de pequeno porte.

Sendo assim foi interrogado se ele incentiva pessoas de diferentes idades a realizar as atividades de aventura, ou se ele entendia que havia alguma limitação? A resposta foi sem dúvida alguma incentiva a todos, em suas palavras disse que “limitação sempre há, mas o incentivo é para todos dentro das suas condições.”, ou seja, quando se percebe que há uma limitação, mas que é pequena, se incentiva, respeitando a individualidade do Cliente, cabendo a este decidir se é possível ou não a realização. O que foi observado na pesquisa de campo é que o turista é levado para conhecer as atividades e assim, o próprio conclui suas possibilidades de efetuação ou não.

Foi acerbado ainda quanto à limitação, se há alguma variável quanto à realização dessas atividades ali ofertadas? Ele disse que sim, pode haver várias limitações, como por exemplo: casos de doenças, impossibilidade pessoal, variável de clima ex: se chove demais enche o rio não sendo possível a efetivação das atividades, enfim, a variável pode ser climática, ambiental ou pessoal. Na pesquisa de campo, em dias de treinamentos vivenciais presenciou-se por vezes que as atividades de aventura são possíveis em pequenas limitações, como algumas dificuldades motoras, outras pessoas com problemas no joelho.

Quanto à segurança, foi questionado se é seguido algum procedimento de segurança para a realização das atividades de aventura? O Gestor argumentou que sim, que são seguidas as normas do Sistema de Gestão de Segurança ABNT nº15331, a qual segundo o BRASIL (2006, p. 16) “especifica requisitos para um sistema de gestão da segurança e aplicação de processos de melhoria contínua visando promover a prática de atividades de aventura de forma segura”, afirma ainda suas estruturas passam anualmente por vistoria de um engenheiro mecânico, seus equipamentos são todos com certificação internacional e são revisados usualmente.

Foi perguntado ainda se esses procedimentos são repassados aos turistas, e se são, em que momento? A resposta foi que sim, as informações preliminares são repassadas, só o necessário, mas, no momento em que compram o pacote assina-se um termo de responsabilidade, com informações mais precisas sobre as atividades, procedimentos e ainda o seguro saúde.

E, por fim, foi questionado se ele acreditava que essas informações

influenciam na decisão final do cliente pelas práticas de aventura? Não hesitando disse que sim, se o cliente está com dúvidas, o acesso à informação é essencial na decisão do turista, fazendo com que essa decisão seja tomada com mais segurança. O gestor termina a entrevista dizendo uma frase “a gente vende segurança, o cliente do Ninho do Corvo não está interessado em ver a cachoeira, ele quer fazer a atividade e voltar inteiro”.

Esta primeira fase da entrevista foi satisfatória, em vários momentos o gestor deixa claro que ele vende experiência e que o mais importante é a segurança, tornando essa experiência possível, sem distinção de público, especificidades essas que foram vivenciadas também na pesquisa de campo.

A presente pesquisa foi comparada a uma pesquisa da ABETA, vinculado a um documento denominado: ‘Perfil do Turista de Aventura e Ecoaventura do Brasil’, realizada pelo ministério do turismo em 2010 acerca das atividades de Aventura. A pesquisa contemplou “cotas de gênero, idade, escolaridade, ciclo de vida familiar, motivação para as viagens (natureza versus outros) e atividades praticadas” (ABETA, 2010, p.20). A presente pesquisa não se ateve a tantos detalhes, foi visto apenas: idade, motivações e atividades praticadas.

No segundo momento, foram distribuídos questionários por e-mail e impressos (pesquisa de campo) a fim de colher informações sobre as experiências vividas pelos turistas nas atividades de aventura e em um dia de treinamento vivencial.

Na pesquisa qualitativa realizada pela ABETA (2010) foram 45 respondentes que tinham idades entre 18 e 59 anos, sendo 24 homens e 21 mulheres. Na presente pesquisa não foram distinguidos gêneros, mas, de acordo com o que foi observado em campo, foi visto que assim como na pesquisa da ABETA, há equivalência nos gêneros.

Por se tratar do mesmo questionário os resultados foram avaliados a partir de todas as respostas recebidas (por e-mail e impressas).

A primeira questão, sobre a idade dos praticantes das atividades de aventura, mostrou que a faixa etária dos respondentes está entre 18 e 50 anos. Na observação participativa em dias decorrentes de atividades, onde não foram distribuídos questionários, foi visto que, é comum participantes tanto menores que 18 anos, quanto de idade superior a 50 anos, tendo como exemplo, relatos de

peessoas ate de 70 anos.

O segundo questionamento foi se o participante já praticava algum tipo de esporte regularmente. Das 57 pessoas que responderam; 38 disseram que sim, já praticavam algum tipo de esporte, sendo uma porcentagem de 67%. Essas práticas de esportes estão relacionadas a esportes do dia a dia, ou seja: academia, caminhadas, andar de bicicleta, etc... Ao contrário dos outros 33% que não praticavam nenhum tipo de esporte, totalizando 19 pessoas, lembrando que mesmo não praticando esportes no seu cotidiano, ainda assim se aventuraram nas atividades propostas na RPPN Ninho do Corvo.

A terceira questão perguntava se a pessoa possuía alguma limitação física, e, caso afirmativo qual seria essa limitação, 5 pessoas, totalizando quase 9% dos respondentes, responderam que sim, possuíam pequenas limitações. Três apresentaram problemas no joelho, um não relatou o problema e o quinto descreveu sua limitação como excesso de peso. Foi visto na observação participativa, que as limitações são tratadas individualmente por cada pessoa, alguns possuem limitações motoras, porém não deixam de realizar atividades devido ao seu problema, entretanto, outras possuem limitações “psicológicas” (medo de altura, síndrome do pânico, etc...), essas dificilmente conseguem fazer as atividades. São particularidades de cada um, e é respeitado.

A quarta pergunta questionava se o turista já havia anteriormente praticado alguma atividade de aventura? 34 pessoas sendo, 60 % delas, já haviam praticado alguma atividade desse tipo. Complementando essa pergunta era questionado ainda se, já o tivesse feito o que havia motivado? Na maioria das respostas afirmavam terem sido motivados pelos amigos, pela superação de limites e pela adrenalina. Já os que não o fizeram, 40%, afirmaram a “falta de oportunidade” e a “falta de segurança”, sentida antes de estarem na RPPN Ninho do Corvo.

Na questão numero 5 foi perguntado se o respondente entendia a atividade de aventura como um atividade restritiva quanto a idade ou limitação física. 13 dos respondentes alegam acreditar que ha restrição tanto na limitação física quanto a idade. 18 pessoas acreditam que há restrição apenas acerca da limitação física e 1 pessoa acha que há restrição somente a respeito da idade. Totalizando 56% das respostas entendo que há restrição quanto á alguma das restrições: idade ou limitação física. Neste caso acredita se que essas restrições dependem da atividade

oferecida, bem como da limitação física. As outras 44% das pessoas acreditam que não há restrição alguma.

Foi indagado se o respondente havia realizado alguma atividade de aventura no empreendimento Ninho do Corvo? Nesse caso todos haviam desfrutado.

Tendo visto que todos participaram das atividades, foi argumentado que o Ninho do Corvo segue procedimentos de segurança, assim como pessoas treinadas para a realização das práticas de aventura oferecidas no empreendimento. Tendo visto isso, a questão foi se esta segurança era sentida pelo respondente. A resposta foi unânime, 100% responderam que sim, inclusive alguns enfatizaram dizendo sentir-se “muito seguros”, também houve relatos como “sim totalmente, foram muito simpáticos e educados passando segurança e entendendo meus medos” ao que parece esta pessoa possuía uma dificuldade no desenvolvimento das atividades, conseguindo assim supera-los a partir das atitudes dos monitores. Deixando claro que o questionário foi entregue aos respondentes e depois recolhidos, fora do ambiente da RPPN, sem a presença ou influencia de qualquer pessoa do empreendimento.

Como a pergunta inicial da pesquisa questiona se as atividades de aventura em Unidades de Conservação são vistas como experiência? Esta era a oitava questão, neste caso, tido pela visão dos turistas onde a resposta também foi unânime, tendo 100% das respostas á experiência, complementado na questão como “experimentação, superação, vivência e autoconhecimento”. Isso também é vivenciado na observação participativa, em dias decorrentes de atividades, ao final de cada dia de treinamento vivencial, é feito uma explanação do dia onde cada participante fica a vontade para expor seu sentimento sobre aquele dia, e a experiência sempre está presente nos discursos dos participantes.

A nona questão pedia uma nota para o empreendimento de 0 a 10 dos 57 respondentes, 40 pessoas sendo aproximadamente 73% deram nota 10 demonstrando satisfação total com o empreendimento, as demais totalizando menos de 17 % deram nota 9, tornando assim uma resposta positiva ao trabalho realizado no empreendimento.

A última questão perguntava se o aventureiro voltaria ao empreendimento? A resposta mais uma vez, foi totalmente satisfatória ao empreendedor e unânime, 100% dos respondentes voltariam.

Ou seja, foram distribuídos 100 questionários, por e-mail e impressos, onde foram respondidos apenas 57. Abaixo teremos uma tabela ilustrando algumas das respostas obtidas nesses questionários para a melhor compreensão do leitor.

Tabela 1: Perfil dos Clientes participantes do estudo- RPPN Ninho do Corvo 2018.

	Sim	%	Não	%
Prática esportes	38	67%	19	33%
Possui limitação física	5	8,8%		
Já praticou atividade de Aventura	34	60%	23	40%
Há restrição	32	56%	25	44%
Segurança no Ninho do Corvo	57	100%		
Se voltaria	57	100%		

Fonte: Questionário
Adaptado pela Autora

A partir dessas respostas, foi possível conhecer melhor os turistas praticantes de Atividade de Aventura da RPPN Ninho do Corvo. Assim como a sua compreensão acerca das atividades realizadas na propriedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como tema as Atividades de Aventura em Unidades de Conservação. Por se tratar de Unidades de Conservação, esse tipo de atividade é realizado em meios naturais, sendo assim foi explanado sobre as áreas naturais e suas vertentes, como: Turismo de Aventura e Ecoturismo. Também foram abordadas as Unidades de Conservação, bem como as formas de uso e outras especificidades, e devido ao estudo de caso se tratar de uma RPPN foi tratado especificamente desse assunto. Ainda como possibilidade de entender melhor o Turista adepto das Atividades de Aventura e Ecoturismo, foi retratado um perfil desse turista.

A resposta final da pesquisa deu-se a partir dos objetivos abordados, que eram levantar os produtos/atividades ofertados pelo empreendimento RPPN Ninho do Corvo. Determinou-se que o empreendimento se trata de uma RPPN que oferece um Pousada com área de alimentação, atividades de aventura e trilhas, onde cada serviço pode ser vendido separadamente. O outro objetivo específico era investigar o perfil e a opinião dos clientes quanto às práticas de aventura ofertadas no empreendimento, este objetivo foi alcançado através de uma entrevista com o proprietário da RPPN Ninho do Corvo e 100 questionários aplicados aos usuários das práticas de aventura da RPPN. Os questionários foram enviados parte por e-mail e parte aplicados pessoalmente, totalizando 100 questionários aplicados, dos quais foram respondidos 57. Onde foi possível também responder ao objetivo geral, que era: Investigar se ‘as atividades de aventura, ofertadas no empreendimento RPPN Ninho do Corvo, são comercializadas sob a ótica da *performance* ou da experiência’.

A metodologia utilizada para conseguir as respostas desses objetivos foi qualitativa, configurando-se como um estudo de caso, assim como pesquisa bibliográfica que fundamentou e orientou o direcionamento do trabalho, fornecendo subsídios para a elaboração da fundamentação teórica e para os demais encaminhamentos.

A partir dos resultados das pesquisas, foi possível responder a questão inicial do trabalho, “As atividades de aventura ofertadas na RPPN Ninho do Corvo estão atreladas a *performance* ou experiência?” Concluiu-se que as atividades ofertadas são vistas como experiência, ou seja: experimentação, superação, vivência e autoconhecimento. Esta resposta se deu com uma das perguntas do questionário

feito com os turistas praticantes de Aventura na RPPN Ninho do Corvo, assim como uma das respostas da entrevista realizada com o Proprietário do empreendimento, onde 100 % dos respondentes afirmaram que as atividades ofertadas e vivenciadas na RPPN Ninho do Corvo são vistas como experiência.

A presente pesquisa foi satisfatória, atingindo os objetivos e trazendo mais conhecimento acerca dos assuntos abordados. Foi observado que há pouco material atual acerca do Turismo de Aventura, com isso, buscou se artigos mais atuais em diversas plataformas de trabalhos científicos, onde se obteve pouco êxito. Isso mostra a necessidade de mais pesquisas com essa conotação, pois a demanda pelo Turismo de Natureza, assim como a especificidade Turismo de Aventura, tendem a crescer, partindo de que as pessoas querem cada vez mais fugir dos grandes centros, procurando tranquilidade e interação com a natureza, bem como a superação dos desafios.

Tendo visto isso, a sugestão para próximos trabalhos dessa conotação é que sejam feitas mais pesquisas acerca de saber se o Brasileiro esta praticando Atividades de Aventura e Ecoturismo e também de que forma essas atividades estão sendo ofertadas no País.

A partir do conhecimento adquirido anteriormente, ao longo da pesquisa bibliográfica foi possível entender um pouco mais sobre os turistas adeptos às atividades de aventura, seus interesses pelas áreas naturais, assim como suas motivações quanto às viagens, e ainda as ramificações acerca dessas áreas, como o ecoturismo e o turismo de aventura. Também foi possível entender mais sobre as Unidades de conservação e suas particularidades, enfatizando as RPPN's.

REFERÊNCIAS

ABETA, **Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil** / Ministério do Turismo; Ilustrações de Eduardo Caçador Pontes. São Paulo: ABETA, 2010.

ANDRADE, José Vicente. **Gestão em lazer e turismo**/ ---Belo Horizonte: Autêntica, 2001

BRASIL. Governo do Brasil. **Turismo** < Disponível em Acesso em 27 de novembro de 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de aventura: orientações básicas** / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Coordenação - Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasil, 2003

BRASIL. Ministério do Turismo. **Marcos conceituais**. < Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/assuntos/5292-caderno-e-manuais-de-segmenta%C3%A7%C3%A3o.html>. Acesso em 15 de setembro de 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CÂNDIDO, Luciane Aparecida, **Turismo em áreas naturais protegidas** /Luciane Aparecida Cândido – Caxias do Sul: Educus, 2003.

CHAPADA DOS VEADEIROS < Disponível em: http://www.chapadaveadeiros.com.br/atividades_chapada_veadeiros.html Acesso em 20 de setembro de 2017

COSTA, P. Côrtes **Unidades de conservação** / Patricia Côrtes. – São Paulo: Aleph, 2002 .

DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentavel e Meio Ambiente**/ São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**/ --São Paulo: Atlas, 2005.

ECO, **Eco Jornalismo Ambiental** < Disponível em <http://www.oeco.org.br> Acesso em 15 de setembro de 2017.

FERRETI, E. R. **Turismo e meio ambiente: uma abordagem integrada** / Eliane Regina Ferreti --São Paulo: Roca, 2002.

GOUVEIA, L.A.; GOSLING, M.; COELHO, M.F.; PEREIRA, G.A. Fatores que influenciam a intenção de compra de viagens de ecoturismo e turismo de aventura. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.7, n.3, ago/out 2014, pp.551-575.

IAP Instituto Ambiental do Paraná < Disponível em <http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=289> Acesso em 10 de novembro de 2017.

ICMBio Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade < Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal/> Acesso em 16 de abril de 2018.

KINKER, Sonia. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais.** / - Campinas, SP: Papirus, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica.** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos.- 7. Ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

LAVOURA T. N. SCHWARTZ G. M. MACHADO A. A. / Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re) educação dos sentidos **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), São Paulo, v.22, n.2, p.119-27, abr./jun. 2008.

LOHMANN, Guilherme **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas.** / Guilherme Lohmann, Alexandre Panosso Netto. - 2. ed. Ampl.e atual.- São Paulo: Aleph, 2012.

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo: Um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

MAPA.< Disponível em https://www.google.com.br/search?q=mapa+prudent%C3%B3polis&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj_wqKy2dHaAhUBS2MKHX--AXQQ_AUICygC&biw=1366&bih=637#imgsrc=F7TUT-4bZGVlhM Acesso 21 de abril de 2018.

MARINHO A., BRUNS, H. T. **Turismo , Lazer e natureza** / Alcyni Marinho (org.), Heloisa Turini Bruns (org.). –Barueri, SP: Manole, 2003.

MENDONÇA, R., NEIMAN, Z., **Ecoturismo no Brasil**/ Rita Mendonça, Zysman Neiman (organizadores). – Barueri, SP: Manole, 2005.

MENEZES, Vanessa de Oliveira. **Inovação para a Sustentabilidade Ambiental e Estratégia Competitiva em Redes Hoteleiras Globais: Elaboração de um Modelo Conceitual de Relação**/ Vanessa de Oliveira Menezes- Curitiba Programa de Mestrado e Doutorado em Administração Doutorado em Administração Área de

Concentração Organizações, Gestão e Sociedade, 2015.

MORAES, Werter Valentim de. **Ecoturismo** : um bom negócio com a Natureza./ - Viçosa: UFV, 2000

PARQUE DO IGUAÇU < Disponível em <http://www.cataratasdoiguacu.com.br/atrativos-do-parque> Acesso em 16 de abril de 2018.

PIRES, P. S. **Dimensões do Ecoturismo** / Paulo dos Santos Pires, São Paulo: Ed. Senac 2002

RODRIGUES, A. B. **Ecoturismo no Brasil**: possibilidades e limites / Adir Balastrieri Rodrigues, (org.). – São Paulo : Contexto, 2003.

ROSS, G. F. **Psicologia do turismo** / Glenn F. Ross; [tradução Dinah Azevedo]. 2. Ed.–São Paulo: Contexto, 2002.

RPPN Ninho do Corvo < Disponível em <http://www.ninhodocorvo.com> Acesso em 10 de abril de 2018.

RUIZ. J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos.-6. São Paulo: Ed. Atlas, 2006.

SNUC Sistema Nacional de Unidades de Conservação. < Disponível em <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc> Acesso em 15 de setembro de 2017

SWARBROOKE, J. **O comportamento do consumidor no Turismo** / John Swarbrooke e Susan Horner; [tradução de Saulo Krieger]. – São Paulo: Aleph, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo Basico** / 7ª Ed. São Paulo: Editira Senac São Paulo, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005

APÊNDICES

APÊNDICE A Entrevista Gestor do Empreendimento.

Nome:

1 Quais são os produtos e serviços ofertados no empreendimento RPPN Ninho do Corvo?

R.

2 Entre essas atividades, quais são de Aventura ?

R.

3 Qual o enfoque dado no momento da venda das atividades de aventura?

R.

4 Você considera o Turismo de Aventura o diferencial do seu empreendimento?

R.

5 Quanto as Atividades de Aventura, Você incentiva as pessoas de diferentes idades a realizar essas atividades, ou Você acha que há alguma limitação?

R.

6 Na sua opinião há alguma variável que limita a realização das atividades de aventura ofertadas na RPPN Ninho do Corvo?

R.

7 Você segue algum procedimento de segurança para a realização das atividades de aventura?

R .

8 Esses procedimentos são repassados aos Turistas? Em que momento?

R.

9 Você acredita que essas informações influenciam na decisão do Cliente pela prática das atividades?

R.

APÊNDICE B Questionário Turistas

1 Qual a sua Idade?

R.

2 Você pratica esportes?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

3 Você tem alguma limitação física?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se sim, Qual?

R.

4 Já praticou Atividade de aventura antes?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

4.1 Se sim, o que o (a) motivou?

R.

4.2 Se não, o que o (a) não motivou?

R.

5 Você entende a Atividade de Aventura como uma atividade restrita:

Quanto à idade?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Quanto à limitação física?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

6 No empreendimento Ninho do Corvo você realizou alguma Atividade de Aventura?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Se não explique por que.

Se sim responda as próximas questões.

7 O empreendimento Ninho do Corvo segue procedimentos de segurança, assim como pessoal treinado para as Atividades de Aventura. Você sentiu essa

segurança?

R.

8 Como Você vê as atividades ofertadas no empreendimento Ninho do Corvo:

	<i>Performance:</i> implementada para esportistas, experientes e com prática em atividades de aventura.
	<i>Experiência:</i> experimentação, superação, vivência e autoconhecimento.

9 De 0 a 10 qual a nota de satisfação vivenciada nesse dia?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

10 Você participaria, novamente, das atividades de aventura na RPPN?

R.